

***EU CONTO, TU CONTAS, ELE CONTA...: PROPOSTAS DE
UTILIZAÇÃO DO CONTO NA AULA DE PORTUGUÊS LÍNGUA
ESTRANGEIRA***

Ana Belén García Benito
Facultad de Filosofía y Letras

O objectivo deste trabalho é apresentar algumas actividades estruturadas a partir de contos, para serem utilizadas na aula de português língua estrangeira, de maneira a constituírem uma pequena amostra de tudo o que pode ser feito com este tipo de materiais, do ponto de vista do ensino de línguas.

Ninguém duvida que os contos são documentos que apresentam imensas possibilidades no âmbito do ensino da língua materna. Da mesma maneira, ninguém questiona a intenção didáctica e o papel de transmissores de valores que, quer os contos, quer as lendas, têm vindo a desenvolver ao longo dos séculos, como formadores da identidade comum.

No entanto, é necessário sublinhar que também são muitas as possibilidades dos contos no que diz respeito à didáctica numa língua estrangeira. O que acontece é que os contos e, em geral, tudo aquilo que se pode considerar literatura infantil, tradicionalmente, não teve presença nas aulas de línguas estrangeiras, e muito menos ainda no ensino destas línguas na Universidade. As explicações que podemos encontrar para isto são muitas e variadas e, na minha opinião, devem-se, entre outras, à crença de que o conto se associa com o mundo infantil, com as crianças; mundo que parece não ter espaço nas adultas (?) e reflexivas (?) aulas universitárias. É evidente que esta associação está muito longe da realidade, em primeiro lugar porque, se pensarmos desta maneira, estaremos a considerar apenas o conto tradicional, popular, e dentro deste o infantil, esquecendo o conto literário. Em segundo lugar porque o conto, tal como acontece com toda a literatura, trabalha com símbolos, imagens comuns que constituem o dito “imaginário colectivo”, contínuo, no sentido de que se prolonga desde a criança até ao jovem e até ao adulto. O “papão”, personagem sinistra, indeterminada, que espreita o sono das crianças, é Freddy, personagem dos filmes para os adolescentes, e é também todas as outras personagens destinadas a produzir medo nas obras literárias que são lidas pelos adultos. Portanto, os contos, como material de trabalho para a aula de língua estrangeira, podem interessar quer ao professor de ensino básico, quer ao de ensino primário, quer, ainda, ao professor de ensino superior.

Outros possíveis motivos que poderiam justificar a ausência dos contos nas aulas de língua estrangeira são: a dificuldade para encontrar no mercado contos interessantes, a inexistência de critérios claros para o professor realizar a escolha e selecção dos contos e a falta de actividades específicas para trabalhá-los na sala de aula. No meu entender, esta última será a razão fundamental. Por esse motivo se justificam as actividades que, mais à frente, sugiro.

Na verdade, penso que os contos devem ser integrados nas aulas de língua estrangeira e a oportunidade desta utilização responde a aspectos muito diferentes, que podemos reunir à volta de duas questões:

- 1ª - O valor que eles próprios contêm.
- 2ª - O seu potencial pedagógico.

Em relação à primeira questão, podemos salientar o seguinte:

1º As actividades para serem desenvolvidas na aula devem estar centradas nos estudantes, isto é, devem estar relacionadas com a sua vida. Na verdade, podemos dizer que os contos cumprem esta premissa, dado eles fazerem parte da vida quotidiana dos nossos estudantes e, portanto, conhecerem o contexto em que são apresentados.

Trata-se da chamada “aprendizagem significativa”: conectar com aquilo que o aluno já sabe. E os conhecimentos prévios que podem ter os estudantes de uma língua estrangeira, seja qual for a sua origem, são muito semelhantes, nomeadamente no que diz respeito ao conto popular. A oralidade não entende de raias nem de fronteiras, especialmente entre povos como Espanha e Portugal, mas também entre lugares que ficam geograficamente muito afastados, já que os contos populares obedecem a uma tradição que ultrapassa o âmbito das regiões e até dos países, constituindo um património colectivo transfronteiriço.

2º- O valor antropológico e cultural dos contos, nomeadamente dos contos populares, é inegável. E isto é importantíssimo nas aulas de língua estrangeira, visto a língua ser uma manifestação cultural que adquirimos de maneira simultânea à cultura da língua que estamos a estudar. Quando se aprende uma língua, aprende-se também a maneira de ver o mundo e os costumes da sociedade que a usa. Neste sentido, os contos são depositários fundamentais da cultura de um povo, porque a sua origem é popular e ancestral. Falar em contos populares na época actual supõe falar na identidade cultural de um povo e no desenvolvimento que esse povo tem vindo a experimentar através dos diferentes estádios de crescimento e maturidade das pessoas que o integram.

No que diz respeito à segunda questão – o potencial pedagógico dos contos –, podemos resumir as suas vantagens nos seguintes aspectos:

1º- As actividades didácticas baseadas em contos sublinham o protagonismo e a autonomia do estudante no seu próprio processo de aprendizagem. As últimas investigações no âmbito da aquisição de línguas estrangeiras dirigem os seus estudos para propostas didácticas que, contrariamente ao costume tradicional, têm como figura central o aluno. Até há pouco tempo, o peso do ensino estava inquestionavelmente no professor, que era quem explicava, quem corrigia, quem perguntava, etc., ao passo que os estudantes se limitavam apenas a ouvir, a repetir estruturas ou a preencher espaços em branco em exercícios aborrecidos. Agora, muito pelo contrário, a atenção foca-se na aprendizagem como processo, e é evidente que neste processo o protagonista é o estudante. É ele, portanto, que deve assumir uma atitude activa em relação à língua que está a aprender. Neste sentido, as actividades baseadas em contos concedem ao estudante esse papel activo, posto que os alunos, quando realizam este tipo de actividades, devem trabalhar com os seus colegas de turma, negociar com eles, avaliar o trabalho dos outros, etc., ficando reservado ao professor o papel de orientador da actividade, fornecendo ao estudante não só as pautas como também os instrumentos necessários para levar a efeito o processo de aprendizagem.

2º- As actividades com contos, para além de sublinhar o protagonismo e a autonomia do estudante no seu processo de aprendizagem, permitem valorar e tornar rendível o processo em si mesmo. Na actualidade, o processo interessa mais que o produto final, ou por outras palavras, *“la enseñanza no se limita a la consecución de un objetivo lingüístico concreto sino que es también substancial al proceso para alcanzar ese objetivo (...). Ese proceso supone negociar los significados que se pretenden comunicar. Y alcanzar ese acuerdo es parte esencial de los objetivos comunicativos que se pretenden conseguir”* (Iglesias, 1999: 3).

3º- Os contos permitem sugerir actividades num contexto lúdico e divertido que cria na aula um clima criativo ao mesmo tempo que distendido e descontraído, onde o estudante se sente bem e à vontade. Como consequência disto, aumenta o grau de motivação e será também maior o progresso na aquisição de competências na língua estrangeira.

4º- As actividades a partir de contos constituem uma ferramenta muito útil para transmitir e reflectir sobre determinadas mensagens e atitudes. Os valores transmitidos pelos contos e lendas populares de maneira nenhuma devem ser rejeitados. É por isso que, às vezes, convém realizar na aula debates ou pequenos momentos de reflexão a partir deles.

5º- Contos e lendas são mais semelhantes a situações reais do que os diálogos para ler ou para ouvir com que se costuma trabalhar na aula. Isto é, aqueles materiais facilitam ao estudante o contacto com os mesmos materiais com que o falante nativo se encontra no seu quotidiano.

6º- As actividades estruturadas a partir de contos (facultam/permitem facilitam ???) o trabalho com os alunos sobre estratégias de compreensão oral, de maneira a elas estarem centradas mais no significado do que na forma. Para isto, são de uma grande ajuda as histórias com estrutura repetitiva, isto é, aquelas em que uma situação se repete regularmente. Porque nem só contar ou escrever um conto constitui um exercício criativo; ouvi-lo também é um acto activo do ponto de vista da aprendizagem de uma língua estrangeira.

7º- Trata-se de actividades que determinam o seu próprio ritmo. Os exercícios convencionais – preencher espaços em branco, acabar a frase, etc. – costumam ser bastante rápidos e, do ponto de vista do estudante, supõem uma imposição que quanto mais depressa acabar melhor. Muito pelo contrário, as actividades de carácter lúdico baseadas em contos são tarefas para as quais os alunos são convidados pelo professor, que sabe quando elas começam mas não sabe quando irão acabar.

8º- Finalmente, uma outra vantagem destas actividades é que se trata, na verdade, de formas de interacção social. Dado elas se realizarem, geralmente, em grupos ou equipas de trabalho, a aprendizagem baseia-se não na interacção professor estudante, mas sim na interacção entre os estudantes. Este tipo de actividades permite respeitar os gostos, os interesses, as estratégias de aprendizagem de cada estudante – a sua individualidade –, mas, ao mesmo tempo, fomenta a cooperação, a negociação, o respeito, a ajuda, a responsabilidade de cada um no seu processo de aprendizagem e na aprendizagem dos outros integrantes do grupo. Desta maneira, os estudantes tomam consciência da sua importância dentro da equipa. Assim, estimula-se neles a criatividade e os estudantes desenvolvem um sentido positivo da competência e do desejo de superação, e isto tem implicações muito positivas na motivação.

É por todas estas razões que, a seguir, proponho algumas actividades baseadas em contos, com as quais os estudantes de Português Língua Estrangeira poderão melhorar o domínio dos códigos linguístico e cultural que estudam.

O material base para estas actividades está formado, obviamente, por contos. No entanto, convém ter em conta, em primeiro lugar, o nosso conceito bastante amplo de conto, que não diferencia entre conto, lenda e mito; e em segundo lugar, que trabalhamos também sem fazer distinção entre conto popular, infantil, literário, etc. Portanto, como material de trabalho no ensino de uma língua estrangeira,

consideramos ao mesmo nível um conto, como por exemplo “O Patinho Feio”, e a criação literária do escritor espanhol Jardiel Poncela, que irá a aparecer depois.

Os procedimentos metodológicos que estão por trás destas actividades tentam juntar as directrizes do “método comunicativo” e da “aprendizagem por tarefas”, pois ambos consideram fundamental o desenvolvimento da autonomia do estudante, ambos concedem uma atenção especial à *competência sociocultural* e, também, ambos potenciam as capacidades comunicativas dos alunos.

Por outro lado, com estas actividades que propomos, é possível trabalhar com grande aproveitamento as cinco componentes que integram a *competência comunicativa*:

- *Componente Gramatical*: os estudantes praticam todos os conhecimentos de léxico, de ortografia, de fonética, de sintaxe, etc., adquiridos previamente;
- *Componente Discursiva*: os estudantes aprendem recursos para potenciar a sua capacidade quer para construir textos – orais ou escritos –, quer para interpretá-los, utilizando para isto mecanismos de coesão formal e coerência no significado;
- *Componente Estratégica*: os estudantes conseguem desenvolver estratégias de compensação para utilizar nas situações em que a comunicação está limitada;
- *Componente Sociolinguística e Sociocultural*: os estudantes melhoram os diferentes registos de maneira a tentar adequá-los a cada situação, tendo em conta os factores contextuais e as normas e convenções de cada interação. Em definitivo, aprendem a conhecer o contexto sociocultural em que se utiliza a língua e desenvolvem a capacidade para empregar estratégias sociais óptimas em cada caso.

Cada uma das actividades que vou apresentar é acompanhada de uma pequena “ficha” de leitura rápida, onde se especificam as informações seguintes:

- Título, nome da actividade.
- Competências que se praticam: expressão oral, expressão escrita, compreensão de leitura e compreensão auditiva.
- O Objectivo Comunicativo: os objectivos pragmáticos que se perseguem com a actividade.
- O Objectivo Gramatical: os conhecimentos e conteúdos gramaticais que se praticam realizando a actividade.
- O Nível Linguístico necessário para levar a cabo a actividade: Nível Inicial, Médio, Avançado ou Superior.
- O Material de que se precisa para realizar a actividade.
- O Desenvolvimento da actividade: uma explicação por extenso da actividade, junto com textos e outros materiais de apoio.

O “E” FUGIU!!!

Competências: Expressão oral, expr. escrita, compreensão de leitura, compr. auditiva

Objectivo Comunicativo: Contar uma história

Objectivo Gramatical: Tempos verbais do passado, estruturas de coesão e coerência

Nível: Inicial, médio

Material: Texto de Jardiel Poncela

Desenvolvimento: Os estudantes, divididos em pequenos grupos, devem tentar redigir uma história em que não apareça a vogal “e”.

Depois, podem ler os diferentes textos que resultarem. Ganha a equipa que conseguir o texto mais divertido ou que tenha menos erros.

Como exemplo, pode fornecer-se o seguinte texto do escritor espanhol Jardiel Poncela:

Un otoño, muchos años atrás, cuando mas olíati las rosas y más sombra daban las acacias, un microbio muy conocido atacó rudo, voraz a Ramón Camomila: la furia matrimonial

__ ¡Hay un matrimonio próximo, pollos! __ advirtió como saludo su amigo Manolo Romagoso cuando subían juntos al casino y toparon con los camaradas más íntimos.

__ ¿Un matrimonio?

__ Un matrimonio, sí __ corroboró Ramón.

__ ¿Tuyo?

__ Mío.

__ ¿Con una muchacha?

__ ¡Claro! ¿Iba a anunciar mi boda con un cazador furtivo?

__ ¿Y cuándo ocurrirá la cosa?

__ Lo ignoro.

__ ¿Cómo?

__ No conozco aún a la novia. Ahora voy a buscarla..

Y Ramón Camomila salió como una bala a buscar novia por la ciudad

A las dos horas conoció a Silvia, una chica algo rubia, algo baja, algo gorda, algo sosa, algo rica, algo idiota; hija única y suscriptora contumaz de “La moda y la casa” (publicación para muchachas sin novio).

Y al año, todos los amigos fuimos a la boda.

Jardiel Poncela E., Para leer mientras sube el ascensor, Madrid, Aguilar, 1961.

A TRABALHAR COM O PATINHO FEIO


Competências: Expressão oral, expr. escrita, compreensão de leitura, compr. auditiva
Objectivo Comunicativo: Elaborar um reclame publicitário
Objectivo Gramatical: Tempos verbais em geral, regras de coesão e coerência, fórmulas de abertura e fechamento dos contos
Nível: Avançado e Superior
Material: Reclame publicitário de Audi, audição e transcrição do conto popular O Patinho Feio, reclames publicitários vários

Desenvolvimento: Entrega-se aos estudantes, previamente divididos em grupos, a transcrição do conto O Patinho Feio. Todos juntos ouvem este conto popular. Depois, entregamos-lhes um reclame publicitário de Audi, que é uma versão deste conto. Os estudantes trabalham os mecanismos de construção do reclame a partir do conto e cada equipa deverá criar um novo reclame, para o produto que lhe couber, que tenha como referente um conto popular muito conhecido.

Esta una vez un motor llamado Diesel.
Nada más nació, todo el mundo vivió que aquel motor no era
como los demás. Ocupó mucho consumo por y además le
costaba que necesitara mucha fuerza.
Pero a quien le importaba eso
No, pero tenía como sus primos de gasolina. No era tan
eficiente, y los ingenieros decían que continuaba más
Todos le dieron la espalda y lo fueron encomendando los coches
más malos.
Hasta que alguien se fijó en él. Ese alguien fue Audi.
La marca de los autos que cambió un aquel modesto motor dentro
el zorro. Así que después de muchos años de investigación
y de numerosas pruebas técnicas, Audi consiguió sacar de la
máquina lo que finalmente resultó perfecto.

Y nació el TDI.
El nuevo motor no solo reúne las mejores cualidades del Diesel,
atraerido al mundo récord impresionantes de consumo, sino
que en prestaciones y en confort de marcha no tiene nada que
envidiar a los motores petrolíferos con motor de gasolina.
Y mucho menos estrena.
Pero aquí no acaba la historia. Audi sabe que aquel motor podía
hacer todavía más cosas. Lo hizo con una exclusiva tecnología de
8 cilindros multivalvulas con inyección directa. Y hecho esto,
se pasó a emplear uno de los automóviles más avanzados jamás
construidos.
Y justo en ese momento, el gesto fue se convirtió en carne.

Nuevo Audi A8 TDI V8

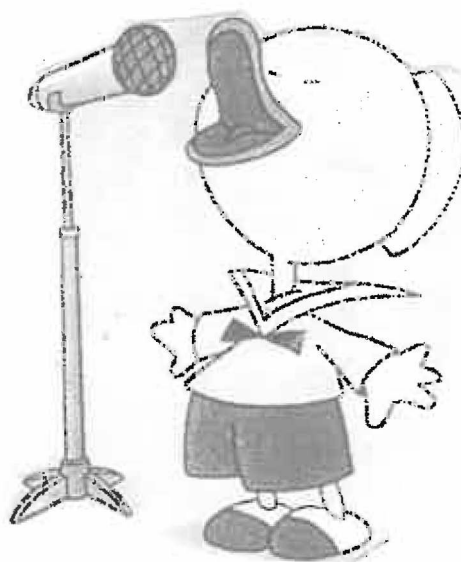
Audi 

O PATINHO FEIO

À beira de um ribeiro
Cheio de sol e mansidão,
Havia um moleiro,
Um moinho, criação.

Viviam todos felizes
Sem TV e sem jornais,
E até os mais petizes
Não conheciam rivais.

Um dia o destino
Tudo ai foi transformar.
É esse desatino
Que agora vão escutar.



A Senhora Pata esperava ansiosa o nascimento dos seus novos patinhos enquanto a vizinhança, interessada, aguardava a ocasião de festejar o aumento da capoeira.

Pouco a pouco, os ovos foram estalando e, depois de algum esforço, os bebês, indecisos, ensaiavam os primeiros passos acompanhados de alegres quás-quás.

- _ Ena Pata! Nasceram?.
 - _ Está a demorar. Agora deixa-me ver aquele para ali que tarda a partir-se.
 - _ Quás-quás, quás-quás. Ah! Ah!.
 - _ Quás-quás o quê, avó?. É igual aos outros.
 - _ É maior. Quase apostava de que é um ovo de perua. Olha, uma vez, era ainda muito nova, fizeram-me uma partida igual. Calcula o trabalho perdido a querer ensinar um peruzinho a nadar!. Batia-lhe e empurrava-o e só conseguia cansar-me.
 - _ A avó nunca tinha visto um peru?.
 - _ Nesse tempo os perus só se viam crescidos e era pelo Natal.
 - _ E se a avó estiver enganada?. O melhor será chocá-lo mais um pouco.
- Nunca se sabe...
- _ Alto! Alto!. Ah!. Não vai ser preciso. Já tem uma perna fora da casca!.
 - _ O pé é igual aos nossos...
 - _ Não, mas é maior que os dos outros.
 - _ Ai!. Que pato tão feio este!. Tem uma cabeça enorme!.
 - _ Tão malfeitão!. Quás-quás, quás-quás...

_ Ai!. Em vez do bico parece que tem outra pata!

_ Quás-quás, quás-quás...

_ Acabem lá com isso!. Não têm vergonha!. Fiquem sabendo que, bonito ou feio, eu gosto dele tanto como dos irmãos. Avó, venha conosco tomar banho para nos vermos livres destas galinhas maldizentes.

_ Quás-quás...

E lá foram. A mãe pata à frente a comandar. Os patinhos, atrás uns dos outros numa longa fila, e a pata velha, no fim, sempre a resmungar.

_ Quás-quás.... Ora essa!. Vamos lá ver se ele tem medo ou se não tem medo de nadar...

_ Meninos!. Entrem na água devagarinho e não se afastem da margem!.

_ Não se afastem da margem...

_ Esquerda, direita, um, dois. Esquerda, direita, um, dois...

_ Querem ver que me enganei?.

_ Claro que se enganou!. Repare na velocidade, no estilo. Ah, ah... Vai ser um campeão...!. Quem nos diz que um dia não irá aos Jogos Olímpicos?.

_ Até é possível, é possível, mas nunca supunha ter um neto tão esquisito...

Os dias foram passando naturalmente menos, claro está, para o Patinho Feio, já quase do dobro do tamanho dos outros. Ninguém queria brincar com ele. Bicavam-no por tudo e por nada e até os próprios irmãos o escorraçavam. Por vezes, chegavam a fazer uma roda à sua volta e entre a maior risada da capoeira, cantavam:

Qual é coisa, qual é ela
Que não é pato nem pata,
Não é peru nem galinha.
Ou sequer rato nem rata,
Nem carapau ou sardinha,
Não é nada mas é tudo,
É um patudo, é um patudo,
É um patudo, é um patudo,
É um patudo, é um patudo.

Qual é coisa, qual é ela
Que não é porco nem porca,
Não é cão nem é cadela,
Ou sequer foca nem orca,
Nem cabrito ou vitela.
Não é nada mas é tudo,
É um patudo, é um patudo,
É um patudo, é um patudo,
É um patudo, é um patudo.

Ó rio dos desenganhos
Engrossa quase que ao mar,
Que desejo em tuas águas
A minha dor afogar.
Choram meus olhos de noite,
E continuam de dia.
Choram por nunca saberem
O que era ter alegria.

Ó rio dos desenganhos
Engrossa quase que ao mar,
Que desejo em tuas águas
A minha dor afogar...

Era quase noite e num recanto do riacho, o nosso amigo lamentava-se das suas mágoas longe dos outros patos.

Um vento fortíssimo surgiu repentinamente. Uma chuva torrencial caiu ao mesmo tempo fazendo crescer o riacho e arrastando o Patinho Feio horas a fio sabe-se lá para onde, muito assustado e onde encontrou uns patos selvagens a quem pediu auxílio.

- _ És tão grandão que não consegues voar. Não te podemos dar ajuda.
- _ Estou perdido... Que vai ser de min?. Quás-quás...
- _ Bem!. Bem !. Faz dieta. Quando passarmos para o Sul, levamos-te então connosco.
- _ E quando é isso?.
- _ No princípio do outono.
- _ Ai!. O que é o outono?.
- _ Livra!. Não sabes nada. É quando começa a chover.

Nisto, soaram alguns tiros. Era época de caça e não tardó nada que o Patinho se encontrasse novamente só, muito recolhido entre os caniços.

- _ Pss!. Senhora rã!. Conhece minha mãe?. Sabe onde eu moro?.
- _ Não me faça rir!. Sei-lá. Nunca daqui saí!.
- _ E nunca viu outros animais como eu?.
- _ Ai!. Bem... Isso já. Costumam vir daquele lado onde há um castelo, mas nunca se demoram.
- _ Daquele lado?.
- _ Sim...
- _ O que é um castelo?.
- _ É... uma casa dos homens.
- _ Eu também vivia ao pé duma. Obrigado!.

Com que velocidade ele partiu!. Depressa, surgiram à sua frente, nadando, três belos animais que nunca tinha visto. Eram como os patos mas maiores, com pescoço muito comprido e um ar majestoso. E o receberam com provas de grande simpatia.

Algumas crianças apareceram então na margem atirando-lhes pedaços de pão enquanto exclamavam:

- _ Olha, olha!. Temos um cisne novo!.
- _ E é mais bonito do que os outros!.
- _ Como é que havemos de chamá-lo?.
- _ Belinho!.
- _ Ai!. Belinho, Belinho!.

Mais bonito... Afinal era bonito!. E não era um pato mas um cisne. Um cisne!!.

Então percebeu quanto tinham sido injustos com ele e afinal quase só por ignorância.

Qual é coisa, qual é ela
Que não é pato nem pata,
Não é peru nem galinha.
Ou sequer rato nem rata,
Nem carapau ou sardinha,
Não é feio mas bonitinho,
É o Belinho, é o Belinho,
É o Belinho, é o Belinho,
É o Belinho, é o Belinho.

Qual é coisa, qual é ela
Que não é porco nem porca,
Não é cão nem é cadela,
Ou sequer foca nem orca,
Nem cabrito ou vitela.
Não é feio mas bonitinho,
É o Belinho, é o Belinho,
É o Belinho, é o Belinho,
É o Belinho, é o Belinho.

FIM

O NOVO CAPUCHINHO VERMELHO

Competências: Expressão oral, expr. escrita, compreensão de leitura, compr. auditiva

Objectivo Comunicativo: Construir deduções a partir do intertexto dos estudantes

Objectivo Gramatical: Tempos verbais em geral, orações subordinadas

Nível: Avançado e Superior

Material: Texto humorístico de Chumy Chúmez; texto do escritor Alfonso Usía

Desenvolvimento: Temos a turma dividida em equipas de trabalho. Fazemos uma leitura colectiva do Texto 1, de Chumy Chúmez e do Texto 2, de Alfonso Usía. Depois, pedimos para os estudantes fazerem um texto semelhante, em que o nosso intertexto permita identificar o hipotexto, que, obviamente, será um conto tradicional que todos conhecemos sem necessidade de explicitar o título.

Texto 1

“¿Por qué nuestros ancianos deben oír solamente los “cuentos” que les cuentan los políticos en la tele y no los bellos cuentos que oyeron en su infancia, ya casi olvidados?”

Sería hermoso que escuchasen hablar a Caperucita Roja y al lobo y a los pastores, de la siguiente manera, por ejemplo.

Iba Caperucita por el bosque cuando se le apareció el lobo que le dijo con sibilantes ceceos desdentado:

— ¿Onfe fa Capefufita Roja?

— ¿Qué dices? —respondió Caperucita que tenía una hipoacusia de muro de lamentaciones.

— ¿Fe? —respondió el lobo que también andaba duro de oído.

Caperucita se encogió de hombros y siguió su camino apoyada en su bastón temiendo que de un momento a otro le estallase la osteoporosis...”

Chumy Chúmez, Blanco y Negro, 7 enero 1996



Texto 2.

LAS CALUMNIAS CONTRA EL LOBO FERROZ.

“En la última reunión del Comité en Defensa del Lobo Feroz (CINDELOFE) el profesor terminó su alocución (...). No obstante, hay puntos de acuerdo que son indiscutibles y que pasamos a enumerar:



- 1._ Caperucita sabía perfectamente que podría encontrarse con el lobo feroz.
- 2._ Caperucita no era ajena al hambre del lobo.
- 3._ Si Caperucita hubiera ofrecido al lobo la cesta de la merienda de su abuelita, muy probablemente no habría ocurrido lo que ocurrió.
- 4._ El lobo no ataca directamente a Caperucita, sino al contrario, conversa con ella.
- 5._ Es Caperucita quien da pistas al lobo y le señala el camino de la casa de la abuelita.
- 6._ La abuelita es idiota por confundir a su nieta con el lobo.
- 7._ Cuando Caperucita llega y el lobo está en la cama con la ropa de la abuelita, Caperucita no se alarma.
- 8._ El hecho de que Caperucita confunda al lobo con la abuelita demuestra que la niña iba poquísimo a ver a su abuela.
- 9._ El lobo, con esas preguntas tan tontas y directas, quiere alertar a Caperucita.
- 10._ Cuando el lobo, que ya no sabe qué hacer, se como a Caperucita, es porque ya no le quedaba otra solución.
(...)

Los que se empeñan en desprestigiar al lobo feroz no se han parado a pensar en la posible manipulación que se ha hecho de su figura, su actividad y su reacción ante una provocadora profesional que era la golfa de Caperucita.

Nada más conocerse el contenido de las conclusiones de esta reunión, el Partido Verde de Noruega, quizá el más importante del mundo, manifestó, por medio de su portavoz, que se sentían ampliamente satisfechos”.

Alfonso Usía, Manual del Ecologista Cofazo, Eds. Temas de Hoy, Madrid.

BIBLIOGRAFIA

AA.VV. (1987): *Expresión escrita o estrategias para la escritura*, Alambra, Madrid.

AGÜERA, I. (1991): *Curso de creatividad y lenguaje*, Narcea, Madrid.

ARIMATEIA, R. (1997): "O conto tradicional e a realidade do eterno presente", en *Cuentos y Leyendas de España y Portugal*, I Seminario Internacional, Barcia, E. (edc.), Editora Regional de Extremadura, pp. 55-59.

BONET, R. (1983): *Sintaxis del suspense y la aventura*, I.C.E., Universidad Autónoma, Madrid.

BONET, R. y otros (1983): *Morfonética del humor*, I.C.E., Universidad Autónoma, Barcelona.

CAMARENA, J. (1997): "El cuento folclórico en la península ibérica", en *Cuentos y Leyendas de España y Portugal*, I Seminario Internacional, Barcia, E. (edc.), Editora Regional de Extremadura, pp. 47-53.

DE LA MAYA RETAMAR, G. (1997): "Los cuentos en el aula de lenguas extranjeras: algunas reflexiones", en *Cuentos y Leyendas de España y Portugal*, I Seminario Internacional, Barcia, E. (edc.), Editora Regional de Extremadura, pp. 205-207.

GARCÍA RIVERA, G. (1997): "Las leyendas y los cuentos: actividades y propuestas de creatividad", en *Cuentos y Leyendas de España y Portugal*, I Seminario Internacional, Barcia, E. (edc.), Editora Regional de Extremadura, pp. 115-119.

GARNER, J. F. (1996): *Histórias tradicionais politicamente correctas*, Gradiva, Lisboa.

IGLESIAS, I. (1998): "Competencia comunicativa y recursos lúdicos: consideraciones metodológicas y aplicaciones didácticas", en *Frecuencia L*, nº 8, pp. 3-10.

IGLESIAS, I. / PRIETO GRANDE, M. (1998): *¡Hagan juego! Actividades y recursos lúdicos para la enseñanza del español*, Edinumen, Madrid.

JUNGMAN, A. (1993): *La Cenicienta rebelde*, Ediciones S.M., Madrid.

LÓPEZ VALERO, A. (1997): “El cuento infantil y su didáctica”, en *Cuentos y Leyendas de España y Portugal*, I Seminario Internacional, Barcia, E. (edc.), Editora Regional de Extremadura, pp. 167-175.

MENDOZA, A. (1994): “El concepto de intertextualidad”, en *Didáctica de lenguas y culturas*, Publicaciones de la Universidad de la Coruña, La Coruña, pp. 333-343.

MENDOZA, A. (1994): *Literatura comparada e intertextualidad*, La Muralla, Madrid.

MENDOZA, A. / LÓPEZ VALERO, A. (1996): “Nuevos cuentos viejos. Los efectos de la transtextualidad”, en *Cuadernos de literatura infantil y juvenil*, CLIJ, n° 90.

PUEYO HERBOSO, S. / RUIZ-BAZÁN RUIZ, A. B. (1999): “¡Échale cuento ... al pasado!”, en *Frecuencia L*, n° 12, pp. 11-15.

RODARI, G. (1983): *Gramática de la fantasía*, Agros Vergara, Barcelona.

SUÁREZ MUÑOZ, A. (1997): “El cuento popular, patrimonio colectivo: cuentos españoles y portugueses de tradición común, As três cidras do amor, de Bernardino Barbosa, y A pomba, de Leite de Vasconcellos”, en *Cuentos y Leyendas de España y Portugal*, I Seminario Internacional, Barcia, E. (edc.), Editora Regional de Extremadura, pp. 67-72.

TORRADO, A. (1992 a 1995): *Histórias tradicionais portuguesas contadas de novo*, Librería Civilização Editora, Porto.

TRINDADE, M. N. (1997): “Da realidade à fantasia ou como os super-heróis se materializam na escola”, en *Cuentos y Leyendas de España y Portugal*, I Seminario Internacional, Barcia, E. (edc.), Editora Regional de Extremadura, pp. 183-186.